



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



A liquidação do herói em “Morte do leiteiro”, de Carlos Drummond de Andrade

* Sara Duarte de Matos¹ (IC); Samuel Carlos Melo² (PQ)

¹ sara.matos@aluno.ueg.br Universidade Estadual de Goiás – UEG/Unidade Universitária de Iporá.
R. 2, Jardim Novo Horizonte II, Iporá-GO, 76200-000.

²Universidade Estadual de Goiás – UEG/Unu de Iporá/POSLLI

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar os processos de “heroicização” do personagem trivial e cotidiano em “Morte do Leiteiro” (2002), de Carlos Drummond de Andrade, considerando as modificações culturais, econômicas e políticas operadas no Brasil no século XX. Para isso, parte-se do estudo conceitual do gênero épico, por meio das principais preceptivas retóricas e poéticas nortearam a sua composição, como a *Arte Poética* (1984), de Aristóteles, e a *Arte Poética* (1759), de Francisco José Freire (Cândido Lusitano), além dos trabalhos de José Batista de Sales (2021) e João Adolfo Hansen (2008). Em seguida, efetua-se um estudo teórico e crítico sobre a poesia brasileira moderna e, especificamente, a produção poética de Carlos Drummond de Andrade, tendo como base teórica, dentre outros, *Estrutura da lírica moderna* (1978), de Hugo Friederich, e *Da poesia à prosa* (2007), de Afonso Berardinelli. Por fim, será realizada a análise de “Morte do leiteiro” (2002), com o intuito de observar a presença de elementos tradicionalmente estabelecidos para o poema épico e os efeitos de sentido engendrados de sua resignificação, considerando os processos de “heroicização” do personagem trivial e cotidiano.

Palavras-chave: Poema narrativo. Poesia moderna. Poesia brasileira.

Introdução



Carlos Drummond de Andrade pertence ao que se convencionou denominar como “segunda fase do modernismo brasileiro” e, de acordo com Alfredo Bosi (1989, p. 493), “foi o primeiro grande poeta depois das estreias modernistas”. Neste trabalho, o poema a ser analisado é a “Morte do leiteiro” (2002), publicado em *A rosa do povo*, de 1945. Compostos no contexto do período pós-guerra, sob o choque do nazifascismo, da ditadura de Getúlio Vargas e, também, em meio ao processo de desenvolvimento de diferentes áreas do progresso técnico, científico e mecânico no Brasil, os poemas que compõem a obra, no geral, exprimem as contradições desse período.

“Morte do leiteiro” é poema narrativo composto por 88 versos livres e brancos, distribuídos em 7 estrofes. Narra a história de um “herói” anônimo, um jovem trabalhador do subúrbio de uma cidade, que, ao cumprir o dever de seu ofício, entregar leite e saciar a sede das pessoas, é assassinado por um morador do bairro, por engano, ao ser confundido com um ladrão.

Partindo de um estudo conceitual sobre o poema narrativo e sobre a poesia moderna, objetiva-se analisar o poema de Carlos Drummond de Andrade, no intuito de observar a presença de elementos tradicionalmente estabelecidos para o poema épico e os efeitos de sentido engendrados de sua ressignificação, considerando os processos de “heroicização” do personagem trivial e cotidiano presentes na poesia moderna brasileira.

Material e Métodos

Pretende-se dividir o estudo em três momentos:

- Estudo conceitual do gênero épico, por meio das principais preceptivas retóricas e poéticas nortearam a sua composição.
- Estudo teórico e crítico sobre a poesia brasileira moderna e, especificamente,



a produção poética de Carlos Drummond de Andrade, com foco no poema narrativo.

- Análise de “Morte do leiteiro” (2002), com o intuito de observar a presença de elementos tradicionalmente estabelecidos para o poema épico e os efeitos de sentido engendrados de sua ressignificação.

Resultados e Discussão

Após o estudo conceitual sobre o poema narrativo, duas categorias prescritas pelas preceptivas poéticas e retóricas para o gênero épico foram destacadas: a categoria do herói e a dos valores. Ao se efetuar análise do poema de Drummond, foi possível identificá-las, respectivamente, na figura do personagem leiteiro e da legenda “ladrão se mata com tiro”.

Considerando as preceptivas, percebe-se que, tradicionalmente, tanto herói quanto os seus valores são representativos dos valores “altos” de uma determinada coletividade, cujo leitor também se identificaria. Como observou Hansen, na epopeia “[...] o poeta imitava opiniões consideradas verdadeiras nos campos semânticos das atividades discursivas e não discursivas do todo social objetivo definido como “corpo místico” de estamentos subordinados ao rei num pacto de sujeição (HANSEN, 2008, p. 19).

Em “Morte do leiteiro”, porém, esses elementos aparecem ressignificados. Ao contrário dos heróis clássicos, o herói do poema de Drummond não é um personagem ilustre (Odisseu, Eneias, Vasco da Gama), mas trivial, um proletário anônimo, cuja ação heroica é o seu trabalho. Embora a morte do herói seja uma tópica da poesia épica, ela se dá, tradicionalmente, como consequência de uma batalha contra um inimigo que atente contra os valores coletivos com os quais o herói se identifica. No poema, porém, o herói é morto pelo seu próprio povo com base em seus próprios valores (legenda): “ladrão se mata com tiro”.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Assim, a partir desse movimento de diálogo e de ruptura com a tradição da poesia épica, Carlos Drummond de Andrade compõe um poema narrativo cujos efeitos de sentido contribuem para uma perspectiva crítica das contradições da sociedade brasileira da primeira metade do século XX, em que o suor dos trabalhadores, heróis anônimos, é pago com seu próprio sangue. Estabelecendo uma tensão com os princípios da coletividade moderna, Drummond chama a atenção para como a propriedade privada se estabelece acima dos indivíduos, especialmente em relação à vida dos mais pobres no Brasil.

Considerações Finais

A partir dos estudos sobre o poema narrativo e da poesia moderna, foi possível perceber que, embora a partir do século XIX tenha havido um processo de rejeição por formas pré-estabelecidas, como as da poesia épica, vários de seus elementos aparecem ressignificados na poesia moderna, em uma relação mais livre e aberta com os clássicos e as formas poéticas tradicionais (BERARDINELLI, 2007). É o que se vê em “Morte do leiteiro”, cujos elementos do épico são repostos a fim de promover uma perspectiva crítica sobre as contradições sociais do Brasil. Herói e valores da coletividade que, na epopeia, se correspondem, no poema de Drummond estão em choque, gerando a tensão da obra.

Agradecimentos



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Agradeço à Universidade Estadual de Goiás, em particular, à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação que, por meio do programa de Bolsas de Iniciação Científica, foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. In: Aristóteles II. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Coleção OS PENSADORES, vol. VI.

BERARDINELLI, Alfonso. **Da poesia à prosa**. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: CosacNaify, 2007.

FREIRE, Francisco José. **Arte poética**. 2. ed. Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1759, tomo I e II.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.

HANSEN, João Adolfo. Notas sobre o gênero épico. In: TEIXEIRA, Ivan (Org.). **Épicos**. (Prosopopéia, O Uruguai, Caramuru, Vila Rica, A Confederação dos Tamoios, I Juca Pirama). São Paulo: EDUSP/ Imprensa Oficial. 2008.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Ari Roitman. São Paulo: Cosac Naify, 2012

SALES, José Batista de. Poema Narrativo. In: CEIA, Carlos. **E - Dicionário de Termos Literários**. Data de acesso: 10-04-2021.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



DISCURSOS DOS REEDUCANDOS A PARTIR DE UMA AÇÃO EDUCATIVA COM CONTOS DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Mariana Pires Chaves¹ (IC)*, Thyago Madeira França² (PQ)

¹ Bolsista PBIC/UEG - Letras - UEG - Câmpus Sul – Morrinhos email: marianachavespba@gmail.com

² Professor do Curso de Letras - UEG - Câmpus Sul – Morrinhos

Nesse trabalho apresentamos os resultados de práticas de leitura literária com contos de João Anzanello Carrascoza para o contexto prisional, tendo como público leitor sujeitos reeducandos. Nesse contexto adverso, buscamos identificar potencialidades transformativas da literatura e da escrita do autor para ações de ressocialização e remição de pena. Embasamos nos estudos da Linguística Aplicada Crítica e da Análise do Discurso, compreendendo que a interação com o texto literário faz emergir manifestações discursivas que dialogam com o contexto dos sujeitos interditados. Defender a importância de práticas leitoras nesse lugar de estigma é também valorizar as histórias locais dos sujeitos inscritos em contextos de adversidade, como aponta Petit (2010). Por meio das leituras e dos questionários respondidos pelos reeducandos de uma unidade prisional do interior de Goiás, defendemos que incitamos reflexões através de inferências subjetivas, despertando também o pensamento crítico e potencializando discussões, diante da compreensão da linguagem e mundo estético propostas pelo autor.

Palavras-chave: Leitura literária. Contexto prisional. João Carrascoza. Literatura.

Introdução

O presente trabalho apresenta os resultados de práticas de leitura literária com contos de João Anzanello Carrascoza para o contexto prisional, tendo como público leitor sujeitos reeducandos. Buscamos identificar potencialidades transformativas da literatura e da escrita de Carrascoza para ações de ressocialização e remição de pena. Assim, tomamos como embasamento teórico estudos partindo da Linguística Aplicada Crítica e da Análise do Discurso, compreendendo que a interação com o texto literário faz emergir manifestações discursivas que dialogam com o contexto de adversidade dos sujeitos interditados. Defender a importância de práticas leitoras no cárcere é também valorizar as histórias locais dos sujeitos inscritos em contextos de adversidade.

Material e Métodos

Após diálogos com a equipe da unidade prisional, fizemos a entrega de nove unidades do livro *Espinhos e Alfinetes*, de Carrascoza. O empréstimo se deu por um prazo de trinta dias. Ao final das leituras, houve doação de parte dos livros para a unidade e o restante foi recolhido para a continuação do projeto em escala mais ampla futuramente.



Para a obtenção de dados acerca dos possíveis efeitos da leitura da obra, elaboramos dois questionários para o público alvo. O primeiro questionário as questões estavam relacionadas com a avaliação a importância da literatura; quantidade de livros lidos para remição de pena; preferência de gênero literário e opinião sobre o programa de remição de pena. O segundo questionário foi composto por questões relativas aos contos lidos; se leriam mais obras de Carrascoza e a motivação da escolha do livro. Mesmo que tenhamos sido orientados sobre o risco de resistência acerca do preenchimento, buscamos dialogar com as subjetividades dos sujeitos em foco.

Resultados e Discussão

Os enunciados foram analisados sob a ótica de regularidades discursivas. Na regularidade *Sujeito Coletivo*, não há nos dizeres caráter de individualidade, mas o reconhecimento de coletividade. Isso demonstra que, embora inseridos em um contexto de cárcere, há uma inscrição de classe perceptível nos dizeres dos sujeitos como pertencentes ao ambiente carcerário. Outro elemento discursivo é a retomada da memória sobre a importância formativa da leitura, como algo que ensina, educa e instrui faz parte do imaginário social.

Na regularidade *Tempo Ocioso* temos o fator da discursividade do ócio, ao serem questionados sobre o grau de importância da literatura. Considerando que a política de execução penal brasileira prevê a criação de espaços laborais, identificamos uma contradição sobre como essa ideia de ressocialização do preso que não deveria ser constituída pelo discurso do ócio. Isso nos remonta à valorização do corpo útil, pois “no bom emprego do corpo, que permite um bom emprego do tempo, nada deve ficar ocioso ou inútil” (FOUCAULT, 1987, p. 178). Identificamos entre as respostas o interdiscurso com a religiosidade, muito presente no contexto prisional. O uso do ditado popular *Mente vazia, oficina do diabo* representa, metaforicamente, a abominação do ócio e o caráter punitivo que é estabelecido por meio da figura do diabo. Que pune sua alma quando diverge da moral cristã. Os enunciados *importância da imaginação; passar o tempo e tempo grande* também indicam que há poucos momentos laborais e/ou culturais para o processo de ressocialização, os quais são suprimidos por longos tempos de privação de liberdade, o



que sugere o interesse dos sujeitos pela liberdade e/ou por ações que façam desse tempo algo significativo, durante o tempo entre os leões, representando as características do animal para se referir ao ambiente hostil e à luta por sobrevivência no cárcere. Assim, identificamos o sentimento de não pertencimento ao ambiente de cárcere e o desejo de liberdade, com o maior índice de respostas objetivas que avalia positivamente a remição.

Na regularidade *Desejo de Liberdade*, o conceito transcende a redução de tempo de reclusão física, significa também uma conquista do acesso ao conhecimento e cultura, por exemplo, por meio dos livros/estudos. Isso nos remonta aos dizeres de Petit (2010, p. 115), pois “não importa o meio onde vivemos e a cultura que nos viu nascer, precisamos de mediações, de representações, de figurações simbólicas para sair do caos, seja ele exterior ou interior”. As produções de sentidos emanadas do reeducando estão relacionadas às condições que seu contexto de inserção e às possibilidades de escrita que lhes são apresentadas no momento da pesquisa. Logo, a remição se torna um meio de autoconhecimento, de análise dos interesses e insatisfações individuais.

As inferências estabelecem uma ponte entre o conto, o universo ficcional do autor e o mundo do leitor, uma vez que “até mesmo um simples título pode permitir que algo pessoal seja dito em uma forma condensada” (PETIT, 2010, p. 116), o que percebemos com o desenvolvimento de nossa pesquisa. Assim, mesmo que “essa experiência possa parecer única para nós em determinadas situações, sua unicidade reside mais no que levamos ao texto do que no que ele nos oferece” (COSSON, 2006, p. 28), supondo diferentes graus de receptividade e de interação significativa com a leitura dos contos. Dessa reflexão, encontramos a quarta regularidade denominada de *Motivação para a Leitura*, com o relato do reeducando se sentir privilegiado por ter sido contemplado com o livro, e retoma à fascinante metáfora do título da obra *Espinhas e Alfinetes*, para se referir às dificuldades enfrentadas no cárcere. Identificamos ainda a regularidade *Sobre os Contos*, em que os participantes mobilizaram reflexões sobre a leitura da obra.

Os dizeres também nos permitiram reconhecer um diálogo significativo dos leitores com os contos, sendo possível não somente verificar a leitura, mas reconhecer camadas de interpretação relacionadas aos sentidos possíveis dos contos. Identificamos, por exemplo, que os contos mais citados foram *Espinho*, *Poente* e *Só uma corrida*, os quais



tratam de fraturas emocionais da vida, desencadeadas por acontecimentos que causam dor e luto. Embora não tenhamos tido a oportunidade de construir uma interpretação coletiva e solidária com os participantes, aludimos que esse caráter reflexivo e memorialístico dos enredos dos contos pode ter despertado reflexões nos leitores, sobre problemas vividos ou entraves familiares.

A leitura literária não deve ser mobilizada com foco na identificação de si nos acontecimentos narrados, no entanto sabemos que “o encontro com o livro coloca o leitor em movimento e lhe permite se conciliar com a sua vida interior” (PETIT, 2010, p. 130), explorando seus espaços de catástrofe se apoiando no texto literário. Assim, quando os reeducando acessam, por exemplo, a metáfora dos “espinhos”, o reconhecimento de sentidos implícitos vivenciados pelos personagens ou, ainda, a ideia de que a compreensão do mundo durante a infância tem suas especificidades, fortalece a nossa percepção de uma interação produtiva entre os reeducandos e os contos de Carrascoza. Na regularidade *Sobre a Literatura*, reconhecemos a percepção da literatura enquanto um conhecimento importante para a imaginação, interpretação da vida, representante de sabedoria e inteligência. Embora há concepções distintas sobre as inteligências humanas, é certo que a arte e a literatura fazem parte de saberes relacionados a modos de inteligência. Entendemos que, ainda que de forma indireta, nota-se a percepção de alguns reeducandos a interação da literatura como uma oportunidade significativa para a construção de si.

A partir da ação educativa com os contos de Carrascoza, ecoaram vozes e inferências pessoais dos silenciados, identificadas, direta ou indiretamente, pelos dizeres nos questionários. Não chegamos ao final do projeto com a ilusão de podermos provar o potencial da literatura para a (trans)formação social dos sujeitos participantes, uma vez que também concordamos que “o segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras” (COSSON, 2006, p. 29).

Considerações Finais

Com o estímulo à interação com a literatura através do nosso trabalho, acreditamos ter demonstrado a potencialidade humanizadora da literatura para desencadear novos olhares para ações educativas que contemplem cultura e arte como objetos de saberes.



Petit (2010, p. 44) considera que “práticas produtivas de leitura têm o poder de fazer com que [...] tenham a possibilidade de transgredir, de modo a se livrar das imposições sociais e se aprimorar dos lugares e dos objetos que não eram destinados a eles”. Candido (2011) salienta o direito ao acesso à literatura, capaz de promover reflexões por parte do leitor e compreender sentimentos e emoções com a leitura.

Não buscamos confirmação utópica de mensurar na construção discursiva de que transformamos a vida dos sujeitos em interação, mas sim que ações de inclusão cultural e formação leitora podem contribuir para a humanização. Entendemos que a pesquisa permitiu falar com/pelas/para as vozes subalternas desses sujeitos marginalizados e estigmatizado da nossa sociedade, de modo a promover uma postura de resistência e de defesa de uma população raramente valorizada pela ciência e pelo mundo acadêmico. Como nos lembra Souza (2019, p. 78), se oferecidas condições “favoráveis à sua reinserção e reintegração social, garantido por lei, a movência que o constitui como sujeito múltiplo, favorece sua recriação e percepção de mundo enquanto sujeito livre”.

Agradecimentos

Agradecemos à Universidade Estadual de Goiás e ao seu PBIC, os quais permitiram o desenvolvimento dessa pesquisa.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de estilística no ensino da língua*. São Paulo: Editora 34, 2013.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: _____. *Vários Escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento das prisões*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2010.

SOUZA, Ana Cristina de. *Entre a prisão do corpo e a liberdade da alma: análise discursiva das correspondências de reeducandos do sistema prisional de Morrinhos- GO*. 2019. 81f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O ENSINO CRÍTICO DE LÍNGUAS

Cinara Gomes dos Santos* (IC)¹, Cristiane Rosa Lopes (PQ)

Resumo: Pesquisas recentes apontam que o livro didático continua a ser o material didático mais usado nas aulas de línguas, e que muitos deles têm características que não se alinham com pressupostos de uma educação linguística, em perspectiva crítica (TÍLIO, 2017; SIQUEIRA, 2020; FERREIRA, 2020, LOPES e SANTOS, 2020). Considerando essa perspectiva, este trabalho visa discutir resultados de uma pesquisa realizada, que teve como objetivo discutir o desenvolvimento e o uso de materiais didáticos para o ensino de língua inglesa num curso de Letras. Trata-se de um estudo de caso, com análises qualitativas e interpretativistas. Os resultados apontam que houve mais interesse e participação das/os alunas/os nas aulas com os materiais desenvolvidos, como também uma expansão de perspectiva em relação ao ensino de línguas.

Palavras-chave: Materiais Didáticos. Criticidade. Educação Linguística

Introdução

Um dos problemas relativos ao uso exclusivo do livro didático nas aulas de línguas é que muitos deles trazem características que não favorecem a formação críticas das/os alunas/os, pois trazem “valores implantados por ideologias que privilegiam a homogeneidade cultural e que perpetuam práticas racistas e sexistas, violentando os direitos civis das minorias” (SCHEYERL, 2019, p. 14). Pesquisas recentes apontam que o livro didático continua a ser o material didático mais usado nas aulas de línguas, e que muitos deles têm características que não se alinham com pressupostos da educação linguística crítica (TÍLIO, 2017; SIQUEIRA, 2020; FERREIRA, 2020, LOPES e SANTOS, 2020).

Considerando perspectivas críticas de educação linguística, pautadas em

¹ Discente do curso de Letras da UEG – Unu de Campos Belos, bolsista do BIC/UEG. E-mail: cinaraueg@gmail.com



aspectos sociais e culturais (PESSOA, SILVESTRE & MÓR; 2018), este trabalho visa discutir resultados de uma pesquisa realizada, que teve como objetivo discutir o desenvolvimento e o uso de materiais didáticos com foco na problematização de padrões culturais hegemônicos, desigualdades raciais e sociais, posturas estereotipadas e discriminatórias etc.

Material e Métodos

Para o desenvolvimento da pesquisa realizei inicialmente uma análise bibliográfica das premissas do ensino crítico de línguas. Em seguida, tendo como base essas premissas, participei da elaboração de materiais didáticos para aulas de língua inglesa de uma turma de um curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG), em colaboração com a professora da turma, que também participa da equipe do projeto de pesquisa. Houve o desenvolvimento de materiais didáticos para as aulas na modalidade de ensino remoto e, após o retorno para as aulas presenciais na UEG, houve também desenvolvimento de materiais para as aulas presenciais.

Após a aplicação dos materiais desenvolvidos, realizei uma avaliação dessa experiência com o uso dos seguintes instrumentos: a) meus relatórios de observação das aulas; b) os relatórios da professora da turma; c) um questionário avaliativo respondido pelas/os alunas/os da turma. Trata-se, portanto, de um estudo de caso, com análises qualitativas e interpretativistas.

Resultados e Discussão



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Inicialmente fiz um estudo sobre as principais características da educação linguística em perspectiva crítica, que também é conhecida como ensino crítico de línguas. Para tanto, analisei principalmente relatos de professoras/es de línguas de cursos de Letras de universidades brasileiras sobre esta perspectiva: como a definem, quais os pressupostos, metodologias, materiais didáticos usados etc. Para esta análise tive como fonte principal o livro 'Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil' (PESSOA; SILVESTRE e MONTE MÓR, 2018).

Após a identificação das principais características de um ensino crítico de línguas, pesquisei estudos que abordassem o uso de materiais didáticos nesta perspectiva, tenho como principal referência os trabalhos da professora Aparecida de Jesus de Ferreira, que analisa principalmente o uso de livros didáticos e outros materiais com intuito de promover Letramento Racial Crítico nas aulas de línguas (FERREIRA, 2014, 2020). Após essa etapa de pesquisa bibliográfica, desenvolvi materiais didáticos para aulas de língua inglesa de uma turma de um curso de Letras em parceria com a professora da disciplina. Um dos temas abordados nas aulas foi padrões de beleza na sociedade, e os textos e imagens selecionados para os materiais didáticos ilustravam a diversidade de corpos e a variação do que é considerado padrão de acordo com o período histórico, local, cultura etc., com objetivo de problematizar esses padrões, questionar relações de poder e gerar debates sobre padrões culturais, desigualdades sociais (de gênero, raça e classe).

Ao final do trabalho proposto, as/os alunas/os da turma responderam um questionário final avaliativo sobre a experiência das aulas com os materiais didáticos desenvolvidos numa perspectiva crítica. Além do questionário, também usei os relatórios que eu e a professora da turma fizemos após as aulas. A partir desses instrumentos, pude analisar que houve receptividade e mais interesse e participação das/os alunas/os com as temáticas e com as atividades usadas nas aulas. Também



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



analisei, juntamente com a professora, que a experiência foi muito significativa para ampliar as perspectivas das/os alunas/os de Letras (professoras/es de línguas em formação inicial iniciando a prática de estágio) sobre as possibilidades e efetividade de um ensino crítico de línguas a partir de materiais desenvolvidos, principalmente a partir de textos, imagens e vídeos disponibilizados na internet. Com esse trabalho houve a possibilidade de transformar aulas tradicionais em aulas com mais criticidade, com o uso de materiais didáticos que proporcionaram reflexões problematizadoras.

Considerações Finais

A experiência realizada, que visou o desenvolvimento e aplicação de materiais didáticos para o ensino de língua inglesa numa perspectiva crítica, oportunizou aos participantes (docente e discentes de Letras) vivenciar uma educação linguística que foi além do conteúdo estabelecido para disciplina, pois o viés crítico agregou discussões que tornaram o ensino/aprendizagem mais significativo.

A criticidade não foi considerada como uma metodologia a ser seguida, mas como uma perspectiva, que visa a construção de sentidos a partir de problematizações e de reflexões sobre a realidade que nos cerca, buscando contribuir para que as/os alunas/os sejam agentes de mudança.

Agradecimentos

Agradeço ao programa de bolsas de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Goiás pelo financiamento e incentivo ao desenvolvimento dessa pesquisa durante a minha graduação.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Também agradeço à professora e aos discentes da turma de Letras, que foram participantes do estudo.

Referências

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe nos Livros Didáticos de Língua Estrangeira na Perspectiva da Linguística Aplicada. In: Aparecida de Jesus Ferreira. (Org.). **As Políticas do Livro Didático e Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Livros Didáticos**. 1ed.Campinas: Pontes Editores, 2014, v. 1, p. 91-120.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Material Didático de Língua Estrangeira**. Associação Brasileira de Linguística Aplicada do Brasil. 2020. 1 vídeo (2h 09min 12 seg). Publicado pelo canal ALAB. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v8RgWK4J89s>.

LOPES, C. R. SANTOS, S. P. Problematizar ou silenciar? Uma análise de livros didáticos de língua inglesa. In: FREITAS, Carla Conti; BROSSI, Giuliana Castro; SILVA, Valéria Rosa (org.). **Políticas e formação de professores/as de línguas: o que é ser professor/a hoje?** Anápolis: Editora UEG, p. 149-160, 2020.

PESSOA, Rosane; SILVESTRE, Viviane; MÓR, Walkyria. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras(es) universitárias(os) de inglês**. 1. ed- São Paulo, Papyrus, 2018.

SCHEYERL, Denise Chaves de Menezes. Prefácio. In: ANJOS, Flávius Almeida dos. **Ideologia e omissão em livros didáticos de língua inglesa**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2019, p. 11-14.

TILIO, Rogério. Ensino crítico de língua: afinal, o que é ensinar criticamente? In: JESUS, Dánie Marcelo; ZOLIN-VESZ, Fernando; CARBONIERI, Divanize. (Orgs.) **Perspectivas críticas no ensino de línguas: novos sentidos para a escola**. Campinas: Pontes, 2017.



MULHER DE LETRAS: conhecendo e construindo sentidos sobre as mulheres na graduação em Letras da UnuCSEH Nelson de Abreu Jr – UEG

Barbra Rosário Sabota (PQ)¹, Louise Leite Marotinho (IC)^{2*}.

Resumo: Proponho nesta pesquisa a discussão sobre o papel da mulher na licenciatura, a naturalização da posição de inferioridade, bem como a essencialização das identidades femininas como cuidadoras, como se fossem predestinadas a esse fim. Socialmente sabemos que as mulheres desempenham grande parte do zelo pela família, atividades domésticas, além do trabalho remunerado. Nesse sentido, a sociedade cria posições de alteridade para as mulheres de modo distinto, através da raça, da sexualidade e gênero. A proposta interseccional nos alerta para observarmos as opressões interligadas para compreender criticamente as estruturas que hierarquizam o saber e o ser. Portanto, buscou-se saber quem são as mulheres do curso de Letras e quais mecanismos de poder acionados socialmente e culturalmente dificultam nossas permanências no espaço de formação docente e, sobretudo, a nossa formação contínua.

Palavras-chave: Gênero. Decolonialidade. Interseccionalidade. Racismo.

Introdução

As novas formas de pensar o *ser mulher* anunciam o compromisso de um feminismo ético e político que escancara as múltiplas facetas do gênero e sua intersecção com outros fatores (classe, raça, etnia, sexualidade). Por muito tempo, apenas algumas histórias foram contadas, ao passo que outras foram ignoradas e silenciadas, em nome da *mulher universal* (LUGONES, 2020), mascarando as divergências econômicas e políticas para essencializar a identidade feminina.

(Re)conhecer outras formas de existência enquanto mulher é possibilitar espaços de diálogos com as vozes que o projeto moderno colonial tentou calar, pois

¹ Pós-doutora e professora do curso de Letras da Unidade de Ciências Socioeconômicas e Humanas Nelson de Abreu Júnior.

² Graduanda do curso de Letras, Português e Inglês da UEG - Unidade Nelson de Abreu.
e-mail: louiseleite@icloud.com



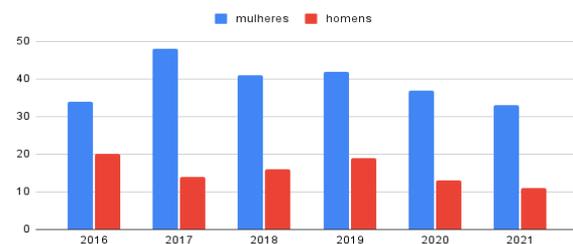
“[...] o mundo patriarcal hierarquiza o ouvir, hierarquiza as falas, hierarquiza os sujeitos que falam [...]” (GEBARA, 2022, p. 25), a fim de negligenciar nossas presenças e, sobretudo, nossos direitos. O verbo que dá início ao segundo parágrafo orienta a escrita desta pesquisa cujo propósito é visibilizar as mulheres presentes no curso de Letras e problematizar suas invisibilidades no espaço de formação docente.

Nesse sentido, da mesma forma que sou afetada e atravessada por essa violência, pela invisibilidade que me cerceia, importa saber quem são as mulheres de Letras da UnU Anápolis de CSEH- Nelson de Abreu, e ressignificar a condição das mulheres na licenciatura, haja vista que os estereótipos do gênero são construídos em contexto histórico-social e repassados na/pela linguagem, dando continuidade a este (cis)tema de opressão patriarcal racista, classista e machista.

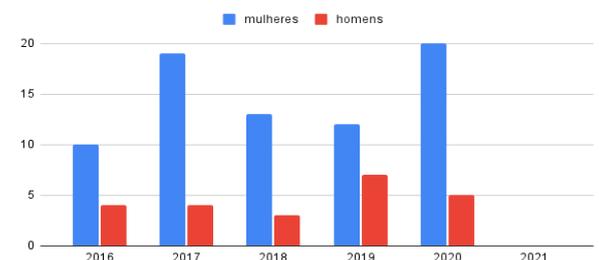
Resultados e Discussão

Figura 1

Relação de ingressantes por gênero no curso de Letras da Unidade Nelson de Abreu entre os anos de 2016 a 2020



Relação de formandos por gênero do curso de Letras na Unidade Nelson de Abreu entre os anos de 2016 a 2020.



Este primeiro gráfico ecoa resquícios de um processo que teve início no século XVII com a entrada das mulheres nas instituições de ensino, que posteriormente culminou na feminização do magistério. É visivelmente notório que o número de ingressantes e formandos desses dados são do gênero feminino e, no entanto, questionar esses efeitos que ainda perduram desta herança, é viabilizar



que apesar da instituição ter sido criada em 1999, as mulheres/professoras ainda carecem de infraestrutura adequada para darem continuidade a formação contínua que garanta permanência e qualidade durante a graduação.

Posto isso, para além dos dados quantitativos podemos extrair significados diversos, a partir das seguintes problematizações: Por que somos a maioria? Quais representações são acionadas quando alguém diz ser professora? Qual o papel da mulher/professora na Licenciatura? Quem são as mulheres/professoras do século XXI? Qual o papel da mulher na educação linguística crítica? Essas são algumas questões que busco entender ao ler o material empírico deste estudo.

Por conseguinte, veremos como ainda é notório, na nossa cidade e, especialmente em nosso curso uma micro representação desses vestígios da colonialidade, do que se observa no Brasil como um todo.

O segundo gráfico³ nos mostra que dentro desse recorte temporal entre os anos de 2016 a 2020, das 328 discentes de Letras, cerca de 163 se declaram pretas e pardas⁴ nos índices de ingressantes, ou seja, 49,69% fazem parte da população negra e as que se declaram brancas 32,01%. Se comparado aos dados coletados pelo Instituto Mauro Borges (IMB)⁵, em Goiás no ano de 2021, percebemos como a população negra ainda segue em desvantagens de acesso ao associarmos os índices de ingressantes no curso de Letras correlacionado aos dados estatísticos da distribuição da população goiana, tendo em vista que na somativa populacional as pretas e pardas são 64,2% da população, enquanto as brancas ocupam 34,9%.

Interessante perceber como os números de não declarantes crescem de 14,02% no gráfico de ingressantes para 59,79% nos dados dos formandos. Podemos pensar que há durante o curso uma percepção de seus corpos sociais, de

³ Nos demais gráficos não vamos encontrar os dados por divisão de gênero. Porém, nada nos impede de realizar uma análise crítica dessa relação, tendo em vista que as mulheres ocupam 71% das ingressantes e 76% das formandas, ao passo que os homens ingressantes são 28,35% e os formandos 23,71%. Logo, são as mulheres o corpo discente do curso de Letras.

⁴ A escolha de análise de pessoas pretas e pardas em conjunto se dá justamente por entender que “pardo” é uma invenção colonial e, justamente por estarem situados em oposição aos brancos “[...] o pendor racial atinente aos pardos, aproxima, assim, este grupo dos negros, dos quais fazem parte” (DEVULSKY, 2021, p.24).

⁵Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. Disponível em: <https://www.imb.go.gov.br/bde/>



suas identidades culturais, isso pode ser um fator que explica esse aumento na porcentagem de não declarantes, haja vista que nossas identidades estão em curso a todo momento interferindo na forma como os sujeitos vão “[...] se arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e estar no mundo [...]” (LOURO, 1997, p. 28) .

Ainda que as políticas de cotas, bem como as políticas sociais tenham favorecido a entrada dessas mulheres, inexistem ações afirmativas que garantam suas permanências, sobretudo para mulheres pretas e pardas.

Considerações Finais

O (re)conhecimento dessas inúmeras mulheres no curso, bem como suas identidades sociais obtidas através desta pesquisa, evidenciaram a continuidade do poder do sistema moderno colonial que limita nosso acesso a lugares de prestígio e, especialmente, nossa ascensão social. A partir das análises dos gráficos mostram que estar fisicamente presente em uma Universidade, não pode ser visto como suficiente, é necessário que haja condições e possibilidades para garantir nossas permanências.

A denúncia presente aqui, nos alerta para percebermos gênero e suas intersecções nos espaços de formação docente, na língua(gem) que circula pelo curso de Letras, nas mulheres que permaneceram e, principalmente nas que não conseguiram estar. Negligenciar essas presenças e ausências, é negar nossos direitos e nos impedir de exercer a nossa intelectualidade e nosso potencial discursivo, além de cooperar para a manutenção dos papéis sociais impostos pela colonialidade.

Referências



ADICHIE, Ngozi Chimamanda. **O perigo de uma história única**. 1°. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019. 61 p.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. *In: Feminismos plurais*. São Paulo: Jandaíra, 2020.

CÁSSIO, F.. (Org.). **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CHIMAMANDA, Ngozi Adichie. **O perigo de uma história única**. tradução Julia Romeu - 1° ed - São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2° ed., 3° impressão. São Paulo: Contexto, 2019. 160p.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. São Paulo - ed. Olho d'água, 1997.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

MOITA LOPES, L.P. **Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução**. DELTA, vol.10, n° 2, p. 329-338, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16° ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma Linguística Crítica**. *In: Línguas e Letras: Dossiê: refletindo sobre pesquisas em linguística*. Paraná: Cascavel, v. 8, ed. 14, 10 set. 2001.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. 1°. ed. São Paulo: 1° ed, 2018. 148 p.

SABOTA, Barbra. **Do meu encontro com a educação linguística crítica ou de como eu tenho revisitado meu fazer docente**. *In: Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês*. 1°. ed. São Paulo: Pá de palavra, 2018. p. 59-68.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Variedades linguísticas e preconceito linguístico: uma análise crítica em livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental II

Rubia Cristina Guedes* (G), Wesley Luis Carvalhaes (PQ)¹

¹Universidade Estadual de Goiás-UnU Inhumas. Av. Araguaia, 400, Vila Lucimar, Inhumas-GO.

E-mail: rubia.guedes@aluno.ueg.br

Resumo:

Ao pensarmos que a língua é um meio de comunicarmos e interagirmos com o mundo, claramente nos indagamos em quantas formas há para que possamos nos comunicar e com isso, vemos a flexibilidade da língua em uso e contexto, ou seja, temos uma pluralidade linguística de acordo com o locutor e seu interlocutor. O ensinar a língua precisa vir permeado dessas nuances da comunicação, para além de ensinarmos gramática, funções e classes gramaticais; por isso, discutir as variedades linguísticas e o preconceito linguístico é imprescindível no ensino fundamental II, levando a esses alunos a desmistificar o uso da língua e suas variações de acordo com o meio social empregado. No entanto, este trabalho visa analisar livros didáticos de português com relação aos apontamentos trazidos pela BNCC sobre esse ponto, levantando a discussão e pesquisa sobre como essa temática é abordada. Para tal, usou-se a coleção da Editora do Brasil, APOEMA, 2018. Nesta coleção foi investigada a abordagem da variedade linguística e o em como é levantada a discussão sobre o preconceito linguístico.

Palavras-chave: Variedade linguística. Livro didático de Português. Preconceito linguístico. Sociolinguística.

Introdução

Este trabalho é o recorte de uma pesquisa de iniciação científica denominada “Variedades linguísticas e preconceito linguístico: uma análise crítico-constructiva (ou sociolinguística) em livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental II”. A investigação liga-se ao projeto de pesquisa “Base Nacional Comum Curricular e ensino de língua portuguesa: o livro didático de português em tempos de mudança”, coordenado pelo Prof. Dr. Wesley Luis Carvalhaes, que tem como objetivo investigar o livro didático de português (LDP) produzido após a implementação da



Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada pelo Ministério da Educação em 2017.

No âmbito da iniciação científica, estamos verificando, em uma coleção de LDP selecionada para a pesquisa anteriormente citada como é discutida e abordada as variação linguística e como é trabalhada a temática do preconceito linguístico nesses livros didáticos de 7º ao 9º ano do ensino fundamental II; a coleção investigada é da Editora do Brasil – Coleção Apoema, 2018. Neste estudo, observou-se se há textos que exprimem tal conceito e abordam esse assunto, levando os alunos a compreender a dimensão linguística e a flexibilidade da língua, ou seja, a diversidade e pluralidade em se comunicar. Neste recorte apresentado IX Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão, pretende-se apresentar parte dos resultados de nossa investigação, tratando especificamente de como os livros didáticos abordam as variedades linguísticas e como eles levam para o ambiente escolar tal assunto.

Para isso, identificamos referências feitas pela BNCC à variedade linguística e discutimos essas alusões com base na noção de diversidade linguística de (BORTONI-RICARDO, 2005) e, mais especificamente, no conceito de preconceito linguístico (BAGNO, 2020). Finalizaremos discutindo propostas de língua e a diversidade da língua com Alkimin (2001) e Camacho (2001), dialogando com as propostas pertinentes da BNCC com base nessas perspectivas teóricas.

Material e Métodos

O projeto foi desenvolvido por meio dos recursos metodológicos da pesquisa documental de caráter qualitativo. Na perspectiva documental, devemos interpretar, sintetizar informações, determinar tendências e, na medida do possível, fazer as deduções, com base no contexto social. A tarefa do analista torna-se, conforme Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), uma leitura dos textos em termos dos seus símbolos. Portanto, optamos pela metodologia da pesquisa documental, porque ela nos possibilitou conceber os livros selecionados como um meio de acessar o que se



pensa sobre variedades linguísticas, sobre preconceito linguístico e, por extensão, sobre o ensino de língua e sobre as práticas de ensino que podem ser desenvolvidas por meio da adoção dos livros didáticos em foco.

Resultados e Discussão

Um dos objetivos centrais do estudo em língua portuguesa é tornar o aluno um leitor crítico a fim de discernir e compreender os diversos códigos do uso da língua. Ao apresentar os vários meios de comunicação, nos deparamos com as variedades linguística, entre as quais, a norma padrão e a norma coloquial. Assim, é necessário abordar e discutir o preconceito linguístico e as variedades linguísticas, visando ampliar a percepção e dimensão sobre a língua em uso.

Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) enfatiza como o ensino da língua pode e deve ser diversificado, pois “os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa”. Os alunos do Ensino Fundamental II devem ter o contato com esse assunto para saber diferenciar em que momento é viável a utilização das variantes de acordo com o seu interlocutor, pois, desse modo, será apresentada a língua em uso sem que seja construído um estereótipo, ou seja, deturpando-a. Essa proposição encontra respaldo em Bagno (1999, p. 71), para quem é preciso garantir “a todos os brasileiros o reconhecimento” de variantes linguísticas.

Ao percebermos que a língua é viva porque os falantes a utilizam em várias ocasiões, vale a reflexão sobre os meios os quais essa língua mobiliza para haver comunicação, de tal modo que inclui diferentes pessoas, costumes, modos e culturas. Esse é o pressuposto que os livros didáticos devem considerar, para fazer com que os alunos reflitam sobre tais variantes e como algumas delas são estigmatizadas, tratando-as de maneira pejorativa.

A partir dessa análise foi levantada a seguinte discussão para investigação nos LDP: “É possível imaginar uma comunicação inflexível sem possibilidades de inúmeras expressões entre locutor e interlocutor?” Pois, ao ensinar língua, imagina-



se que pensemos a língua como dinamicidade, como flexibilidade e principalmente em heterogeneidade.

Com isso, a discussão é trazida para os livros didáticos com o intuito de compreendermos se há tal abordagem para além da compreensão do sentido e função das palavras, o uso da língua em sociedade sempre foi imprescindível, nesse sentido, devemos investigar e identificar como os livros retratam as variedades linguísticas, pontuando e colocando uma visão crítica a frente do que será relevante e pertinente no ensino da língua portuguesa.

Infere-se que as variantes linguísticas são o que representam a identidade de uma comunidade, tornando-as peculiares por suas características. Assim, pensamos a língua como fenômeno, um conjunto de variedades. Portanto, ensinar língua portuguesa, é aclamar todas as variantes linguísticas e com isso, não perpetuar o preconceito linguístico.

Contudo, fica clara a necessidade em dialogar e desmistificar as variedades linguísticas no ensino da língua portuguesa, por isso, a análise se propôs a investigar se os livros didáticos apresentam essa discussão de maneira crítica, a tal modo de extinguir o preconceito linguístico, sendo assim, colocando à disposição do aluno um vocabulário amplo para comunicar com seu interlocutor de acordo com o ambiente ou situação. Diante do exposto, vincula-se esta análise à pesquisa sobre as mudanças dos livros didáticos de português segundo a BNCC, visto que, entende-se que seja necessária a modificação no modo em que se apresenta o ensino de língua portuguesa no ensino fundamental II.

Considerações Finais

Ao investigar e analisar os conteúdos e a forma a qual se propõe os livros didáticos; compreendemos que o modo como as variedades linguísticas e o preconceito linguístico são abordados, percebemos que foi abordado somente nas séries do 7º e 9º anos. Com isso, a análise identificou que há sim algumas abordagens, porém, ainda existem lacunas para um aporte e discussão necessária



sobre a variedade linguística extinguindo determinados estereótipos.

Agradecimentos

Agradecemos à Universidade Estadual de Goiás a bolsa institucional de Iniciação Científica que tornou possível o desenvolvimento desta pesquisa.

Referências

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v.1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CAMACHO, Roberto Gomes Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 49-75.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Leopoldo, n. 1, p. 1-15, jul., 2009.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás